



Redes sociais e educação: o que quer a *geração alt+tab* nas ruas?

Social Networks and education: what does the alt+tab generation protesting on the streets want?

Nelson De Luca Pretto*

RESUMO

O artigo parte de uma breve descrição das recentes manifestações populares ocorridas no Brasil em protesto contra diversos aspectos da economia e da política brasileira. Partindo da diversidade de bandeiras de luta destes movimentos, analisa a concepção de ciência por trás das críticas feitas a eles. Descreve a apropriação das tecnologias de informação e comunicação pela juventude na cobertura destes eventos e a crise instalada na tradicional mídia de massa. O texto analisa os conceitos de educação que estão postos em debate, fazendo uma crítica à visão produtivista que toma conta da educação em todo o mundo. A partir destas considerações, propõe a implantação de um “ecossistema pedagógico de aprendizagem e de produção de culturas e conhecimento” como sendo uma das possibilidades para a escola enfrentar os desafios contemporâneos.

Palavras-chave: Redes Sociais; Educação; Ativismo; Políticas Educacionais.

ABSTRACT

The paper begins with a brief description of recent demonstrations in Brazil against various economic and politics aspects. From the diversity of their demands the paper analyses the concept science used to criticize these demonstrations. The use of Information and Communication Technologies by youth in coverage of these events and the consequent by passing of the traditional mass media are examined. Education was one of the most common complaints and we ask what kind of education they want. Continuing the present system base on productivity approach will not solve the problem. We propose an “ecosystem of teaching and learning to promote the production of culture and knowledge” as a way for schools to face contemporary challenges.

Keywords: Social Networks; Education; Activism; Educational Politics.

* Doutor em Educação. UFBA – Faculdade de Educação. Endereço: Av. Reitor Miguel Calmon, s/n – 3 andar da FACED, 40110-100 Salvador, BA. Telefone: (71) 8779-1906. Email: nelson@pretto.info.

AS MOBILIZAÇÕES SOCIAIS¹

Mais de 2 milhões de brasileiros manifestaram-se ruidosamente nas ruas do Brasil durante o último mês de junho. Tudo começou numa quinta-feira, quando milhares de jovens de todas as tribos foram às ruas de São Paulo protestar contra o aumento de vinte centavos nas passagens dos ônibus urbanos. Não satisfeito com o centro da cidade, saíram para outras plagas em ruidosas caminhadas e manifestações. A polícia não os protegeu, simplesmente os atçou (ROSSI, 2013).

O que querem mesmo esses jovens nas ruas? Esta tem sido a pergunta de muitos, especialmente políticos e mídia, na tentativa de, por um lado, entender o que está acontecendo e, por outro, desqualificar as recentes manifestações. Fala-se de não objetividade nas reivindicações, no excesso de bandeiras e na falta de lideranças.

Pensemos um pouco sobre estas questões.

As lideranças foram, de fato, deixadas de lado, pelo menos aquelas mais tradicionais, como as ligadas aos partidos políticos. Estas, foram literalmente rechaçadas. Junto com elas, a grande mídia também recebeu a sua parte. Como bem afirmou José Miguel Wisnik (2013, p. 2), começaram a surgir “novas formas de organização e de discussão das representações nascidas da 'crise dos intermediários' políticos e jornalísticos, oxigenando o debate do processo representativo.”

A mídia tradicional não deu conta da cobertura e outras alternativas *ninjas* foram criadas². Todos eram manifestantes e repórteres ao mesmo tempo, com seus *gadgets* digitais nas mãos e em rede.

Por outro lado, nem sempre é necessário ter clareza ou unificar bandeiras de luta. A falta de “objetividade” (as aspas aqui são fundamentais!) foi sempre motivo de estranhamento de muitos acadêmicos, da mídia e, por consequência ou não, da população em geral: o que querem essas meninas e esses meninos?

Foi assim também quando do início do Fórum Social Mundial (FSM) em 2001, que reuniu cidadãos do mundo inteiro para, já naquele momento, protestar contra tudo e todos. Havia uma sensação generalizada – que, aliás, é a mesma de hoje – de que tudo estava para ser resolvido e uma forma de desqualificar aquelas iniciativas era dizer que as discussões e propostas não tinham foco nem objetividade. Estava num dos primeiros destes Fóruns, em Porto Alegre, em um auditório superlotado atento ao belo depoimento do escritor uruguaio Eduardo Galeano, que iniciou sua fala citando uma frase encontrada certa feita em um muro na Bolívia: “Quando achamos todas as respostas, mudaram a pergunta”.

É o que de novo ocorre no país e no mundo. Os métodos, as práticas, a política, a economia, tudo está a merecer um outro olhar. Mesmo que já tenhamos todas as respostas, elas não estão dando conta dos desafios, pois a pergunta já é outra!

¹ Este texto é fruto da pesquisa *Você é o que compartilha: redes sociais colaborativas e educação* (CNPq 2010/2014) e das discussões acontecidas em diversas ocasiões onde versões preliminares foram apresentadas como a Conferência a quatro vozes - *Convergência das mídias*, com Cesar Coll, José Afonso Furtado e Massimo Canevacci na 15ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (Universidade de Passo Fundo) e na Plataforma Política e Social - agenda para o desenvolvimento (<http://www.politicassocia.net.br/>) do Instituto de Economia da Unicamp. Agradeço particularmente a Maria Helena Bonilla e Edvaldo Couto (Faced/UFBA) pelas discussões de versões iniciais do mesmo.

²Referência ao coletivo *Mídia Ninja - Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação*. Veja em <https://www.facebook.com/midiaNINJA?fref=ts>, acesso em 09/09/2013.

Assim, milhares de manifestantes reuniram-se no Zuccoti Park, distrito financeiro de Manhattan, Nova Iorque, para um *Occupy* (HARVEY, 2012). Antes disso, e para não ir muito atrás, desde 2010 acontecem manifestações e ocupações em vários lugares do mundo, detonadas pela atitude de um jovem vendedor de frutas nas ruas de Sidi Bouzi, na Tunísia, que ateou fogo às suas vestes protestando contra o governo local. Daí, praças e ruas foram ocupadas no Egito – agora com os tristes e trágicos resultados –, na Líbia, Síria e em vários outros países do Oriente Médio e Norte da África, configurando-se o que ficou conhecido como a *Primavera Árabe*.

Voltemos ao Brasil.

Desde junho passado, a partir de São Paulo a juventude tomou conta das praças e ruas do país. Impressionantes eram as imagens que, através das redes sociais, literalmente pautaram a grande mídia. Imagens publicadas – e traduzidas – entre outros pelo jornal americano *New York Times*, mostram-nos aquilo que vimos ao longo das semanas do *Outono brasileiro*: a diversidade de reivindicações (“gosto de mulher, e daí?”, “meu cú é laico”, “abaixo a fifa”, “não é pelos 0,20”, “passe livre, “mais saúde”, “mais educação”, entre tantas outras).

Diferentes bandeiras, diferentes visões de mundo e é muito bom que tudo isso esteja nas redes e nas ruas!

De novo Wisnik (2013, p. 2):

as manifestações podem ser vistas, sem querer com isso explicá-las, como uma tremenda golfada social, súbita e inesperada como certos vômitos, desencadeada pelo que há de nauseante na farsa política, por um lado, e como a devolução indigesta de uma sociedade de mercado heterogênea, irreduzível a qualquer categoria unificadora, cuja salada ideológica os movimentos a seu modo expressam, turbinados pela revolução digital.

É por isso que cobrar objetividade é o mesmo que matar estes e tantos outros movimentos. Lembremos que a ideia de objetividade foi construída ao longo da história, não sendo um conceito absoluto e concreto desde sempre. Nestes momentos, gosto muito de rever o belo texto de Robin Horton, *Diferenças entre culturas tradicionais e culturas de orientação científica*, que aponta o quanto a objetividade é um ideal construído pela sociedade (HORTON, 1979, p. 200). Uma objetividade que “contratou” um método que, nas palavras de Massimo Canevacci (2005, p. 8), é “uma gaiola enferrujada que pre-criou e encerrou seus sujeitos, organizando-os em objetos puro [...]”. Por isso, também eu, acompanhando Canevacci, busco como método “o gozo da diferença”. E a turma do *#vemprarua* também.

E também Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses quando propõem que busquemos outras epistemologias, *Epistemologias do Sul*. Para eles,

Tal pluralidade não implica em relativismo epistemológico ou cultural mas certamente obriga a análises e avaliações mais complexas dos diferentes tipos de interpretação e de intervenção no mundo produzidos pelos diferentes tipos de conhecimento. O reconhecimento da diversidade epistemológica tem hoje lugar, tanto no interior da ciência (a pluralidade da ciência), como na relação entre e outros conhecimentos (a pluralidade externa da ciência). (SANTOS; MENESES, 2010, p. 18-19).

A diversidade de bandeiras, literalmente e não só metaforicamente, corresponde à rica diversidade da população e da política brasileira. Um governo que se preze tem que considerar que estas diferenças são mais do que importantes. Elas são a base fundamental de existência da sociedade e é para isso que se tem que buscar formas de governar.

Essa turma, que denomino de *geração alt-tab* (PRETTO, 2013) e que maneja com destreza estas duas teclinhas do computador, está, agora e literalmente, navegando pelas ruas das cidades com a mesma intimidade com que navega pelas diversas telas abertas no seu desktop. Esta é uma geração que pode ter mais reflexo do que reflexão, como questionou Zuenir Ventura (2013, p.7) na bem humorada crônica *Alice no reino do iPad*. Mas é também uma juventude que escreve, que opina, que está pondo o dedo na ferida de vários dos inúmeros problemas que enfrentamos neste século XXI em todo o mundo. Um geração que está fazendo política e assumindo, com a mobilidade que as tecnologias lhes possibilitam, o registro de tudo, aqui e agora, de forma síncrona e online.

“Saímos do Facebook”, dizia um cartaz. Estamos na rua, complemento. E estamos na rua sem deixar de estar nos *twitters*, *identi.cas*, *instagrams*, *flickr*s, *vinetubs*, *facebook*s, *orkuts* e tudo mais que ainda possa ser inventado. Justo por isso é fundamental a luta por infra-estrutura e políticas públicas que garantam uma rede com neutralidade, de qualidade, acessível a todos e que assegure, para os indivíduos, privacidade, e para os governos, transparência, como preconiza a ética dos hackers. Estas, entre outras, são bandeiras associadas à governança da internet que não podem ser deixadas de lado sob pena de termos uma internet totalmente controlada, afastando-se anos-luz da ideia de rede nascida nos laboratórios americanos e europeus no segundo quartel do século XX, que tinha como princípio e possibilitava a criação plena.

Não sejamos simplistas. O momento atual é complexo, como também o é a vida.

E complexo não é sinônimo de complicado. A complexidade exige um olhar, ou melhor, múltiplos olhares, com rigorosa atenção (GLEICK, 1998).

A educação, claro, está entre as bandeiras. Mas, que educação?!

Seguramente mais recursos são necessários, mas não apenas para fazer mais do mesmo.

Estamos assolados com políticas públicas para a educação que burocratizam demais os processos de ensino e aprendizagem, em todos os níveis. Políticas que vivem de *ranquear* índices de alunos, professores e escolas, como bem apontaram, entre outros, Daine Ravitch (2011) e Valdemar Sguissardi e João dos Reis Silva Júnior (2009). Políticas que não valorizam as construções coletivas e interativas dos saberes e que, em última instância, ignoram a pluralidade. Enfim, políticas públicas que impedem de muitos modos as criatividades que brotam das/nas ruas.

Insistimos neste aspecto porque observamos que estas transformações têm trazido um enorme desconforto para diversas áreas e, especialmente, para a educação, pelo simples fato de que, ao longo dos últimos anos, muito se tem feito em termos da universalização do acesso e com um alto investimento em utilização de tecnologias digitais de informação e comunicação. No entanto, a situação da educação em todo o mundo deixa a desejar. Os dados apontam para um verdadeiro fracasso quase que generalizado do sistema escolar mundial.

Como já referimos, Diane Ravitch - antiga secretária-assistente de educação nos governos de George H. W. Bush (1991 a 1993) e posteriormente de Bill Clinton -, é

categorica ao identificar que os Estados Unidos haviam saído da rota de melhorar a educação por conta destas políticas burocráticas e produtivistas. Para ela,

o que fora um movimento pela referência agora estava sendo substituído pelo movimento de responsabilização. O que fora um esforço para melhorar a qualidade da educação se transformou em uma estratégia de contabilidade: *measure, depois puna ou recompense.*(RAVITCH, 2011, p. 32).

No caso brasileiro, o que nossa experiência tem mostrado é que a escola está mudando e os professores não necessariamente são resistentes às mudanças. Pelo contrário, em uma boa parte deles encontramos profissionais animados e comprometidos com as radicais transformações do sistema. Por isso e mais do que tudo precisam ser fortalecidos a partir da melhoria da sua formação, condições de trabalho e salário.

Necessário se faz compreender o momento contemporâneo com um olhar multifacetado, demandando políticas públicas de educação que se articulem fortemente com as outras áreas do conhecimento. O que temos hoje são políticas esquizofrênicas que não compreendem a necessidade de pensar a educação para além da própria educação, articulando-a com outros campos do conhecimento para, com isso, tentar superar o que denomino de *escola broadcasting*³, a escola distribuidora de informações, igual ao realizado pelas grandes redes de comunicação.

Essa superação terá que se dar a partir da transformação da escola, no seu contexto, com a implantação de um *ecossistema pedagógico de aprendizagem e de produção de culturas e conhecimentos*. O que se busca é pensar as tecnologias, todas elas, o lápis, a caneta, o livro impresso, o *e-reader*, mimeógrafo, computador, *tablet*, câmera digital, internet, redes sociais, tudo conectado entre si e em rede, fazendo com que a escola se preocupe menos com consumir informação e conteúdo, e passe a se preocupar mais intensamente com a produção de culturas e de conhecimentos, implantando-se um círculo virtuoso de produção cultural e científica (PRETTO, 2012). Aqui, é importante destacar que a construção deste ambiente de produção de baixo para cima não descarta o conhecimento estabelecido, não descarta a língua culta, a ciência moderna, a ciência com C maiúsculo e no singular, porque o ambiente escolar passa a se constituir no espaço da convivência e do diálogo entre as culturas, suportes, conhecimentos e saberes da sociedade.

Anísio Teixeira, em um memorável texto dos anos 60 intitulado *Mestre de amanhã*, discutiu o papel dos professores que já eram “compelidos a mudar pelas condições dos tempos presentes” (TEIXEIRA, 1963).

Ele se perguntava: “E por quê?”.

Sua resposta: “Porque estamos entrando em uma fase nova da civilização chamada industrial, com a explosão contemporânea dos conhecimentos, com o desenvolvimento da tecnologia e com a extrema complexidade conseqüente da sociedade moderna”. (TEIXEIRA, 1963, p. 143)

Estamos na década de 50 do século passado.

E Anísio não havia visto nada!

³Uso propositalmente uma expressão que vem do meio de comunicação de massa para denominar a *escola distribuidora de informação*.

Mesmo assim, com uma visão premonitória de um futuro que se avizinhava, passa a ver a escola de amanhã como aquela que “lembrará muito mais um laboratório, uma oficina, uma estação de televisão do que a escola de ontem e ainda hoje.” (TEXEIRA, 1963, p. 147).

Atualizar Anísio é premente.

Pensar a escola contemporânea, que será a preparadora dos jovens de hoje e do amanhã, implica em rearmá-la arquitetonicamente⁴, aproximando-se mais de experiências como a dos laboratórios *hackers*, *fablabs* ou Pontos de Cultura, com a implantação de espaços multimidiáticos de produção de vídeo, televisão e rádio, de espaços para a produção textual nas diversas linguagens e com os diversos suportes, de espaços da experimentação com *hardware* livre como o Arduíno que vem viabilizando a construção das revolucionárias impressoras 3D e dos pequeninos computadores Raspberry Pi⁵, com a implantação de programação de computadores para a meninada, desde a mais tenra idade, entre tantas outras ações a serem oferecidas à juventude.

Com isso tudo, esta escola excitada e excitante levaria os professores a interagirem com os seus alunos e com os conhecimentos estabelecidos de forma mais intensa, coordenando processos produtivos e não meros processos consumidores de informações. Isso muda radicalmente a perspectiva de escola e demanda também, como já mencionamos, uma outra arquitetura escolar que supere a visão indutiva e exclusiva da sala de aula, do professor posicionado na frente com a função de *ministrar* a lição, o tempo todo. Desta forma, o conjunto de aparatos tecnológicos disponíveis contemporaneamente, possibilita ao professor uma liberação da sua responsabilidade enquanto fornecedor de informações – antes escassas, hoje abundantes – e lhes reserva o direito e a tarefa de ser um negociador permanente dos diálogos entre os conhecimentos estabelecidos, entre os saberes e as diferentes culturas trazidas para dentro do espaço escolar pelos seus alunos, comunidade e rede.

Transforma-se este professor em um *negociador permanente das diferenças*.

De novo, insistimos, este professor precisa ser fortalecido para retomar, assim, o seu papel de liderança acadêmica e ativista. Com isso, no individual e no coletivo, pode liderar o importante movimento que nos leve a superar definitivamente as atuais concepções de educação que formam para a linearidade e não para a complexidade.

E isso não é pouco.

Artigo recebido em 11/12/2013 e aprovado em 10/03/2014

⁴Penso ser fundamental avançar em linhas de pesquisa que aprofundem criticamente esta relação entre a arquitetura e educação. Constroem-se cada vez mais prédios escolares sem uma maior reflexão sobre o que deve ser a escola conectada em rede, o que é a educação de hoje e de amanhã. Chegamos a pensar na implantação de um projeto nesta linha que, no entanto, gerou apenas duas produções, uma tese de doutorado (FREIRE, 2006) e uma dissertação de mestrado (MAGRIS, 2004). As primeiras notas do projeto estão em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/GEC/ArquiEduca>, acesso em 10 de julho de 2013.

⁵<http://www.raspberrypi.org/>

REFERÊNCIAS

- CANEVACCI, M. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles.** Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- FREIRE, M R. **Arquitetura na interface com a Educação: outras referências.** Salvador, Bahia, 2006. .200 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura. Salvador, Bahia, 2006.
- GLEICK, J. **Chaos - the amazing science of the unpredictable.** London: Vintage, 1998.
- HARVEY, D. et al. **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas.** Tradução de João Alexandre Peschanski et al. São Paulo: Carta Maior e Boitempo, 2012.
- HORTON, R. Diferenças entre culturas tradicionais e culturas de orientação científica. In: DEUS, J. **A crítica da ciência,** Rio: Zahar, 1974. p. 187-205.
- MAGRIS, P. **Escola-Cidade, Cidade-Escola: espaços de aprendizagem do tempo agora.** Salvador, Bahia, 2004. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.
- PRETTO, N. D. L. Professores-autores em rede. In: SANTANA, B. et al. **Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas e políticas públicas.** Salvador: Edufba, 2012. p. 91-108.
- _____ **Reflexões: redes sociais, ativismo e educação.** Salvador: Edufba, 2013.
- RAVITCH, D. **Vida e morte do grande sistema escolar americano.** Tradução de Marcelo Duarte. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- ROSSI, C. A PM começou a batalha na Maria Antonia. **Folha de São Paulo**, 13 jun. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/eliogaspari/2013/06/1294837-a-pm-comecou-a-batalha-na-maria-antonia.shtml>. Acesso em: 17 ago. 2013.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologia do sul.** São Paulo: Cortez, 2010.
- SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. R. **Trabalho intensificado nas Federais: pós graduação e produtivismo acadêmico.** [S.l.] Xamã, 2009.
- TEIXEIRA, A. Mestres de amanhã. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: INEP, v. 85, n. 209; 201; 211, p.143-148, jan./dez. 2004.
- VENTURA, Z. Alice no reino do iPad. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 out. 2011. p. 7.
- WISNIK, J. M. Mídia Ninja. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 ago. 2013. Segundo Caderno, p. 2. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/midia-ninja-9586115#ixzz2cFnetKwB> . Acesso em: 18 ago. 2013.